

25 de Fevereiro de 2022



CICLOS POLÍTICOS COINCIDENTES COM O COMPORTAMENTO DAS AGRICULTURAS EM MOÇAMBIQUE

Yara Nova e João Mosca ¹

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é parte dos resultados da pesquisa sobre transformação estrutural da economia e da agricultura em curso no Observatório do Meio Rural, durante o ano de 2022. Para além do texto final, serão produzidos pequenos trabalhos sobre aspectos específicos do tema. O estudo abrange o período 1960 a 2020, o que permite analisar as tendências das principais variáveis relacionadas com o tema. Foram utilizadas fontes secundárias do *Food Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). Neste texto, é analisada a evolução da produção agrícola de um conjunto de produtos produzidos, tendo como indicadores os seguintes: (1) produção; (2) hectares cultivados; (3) produtividade; e (4) produção por habitante. Para tal, foram seleccionadas as nas seguintes culturas: arroz, milho (em grão), amendoim, feijões secos, mandioca, batata-reno, cebola, tomate, algodão fibra e semente, tabaco, castanha de caju e cana-de-açúcar (açúcar processada).

2. BREVE CONTEXTO

O sector agrário em Moçambique é caracterizado pela produção, maioritariamente, em pequenas explorações e esse padrão tem permanecido semelhante desde o período pré-independência até a actualidade. Em 1970, 99,8% das explorações eram de pequena dimensão (menos de 10 hectares) e em 2020 esse indicador era de 97,8%.²

A produção e produtividade agrícola é condicionada por altos riscos de incertezas devido à sua dependência das condições climáticas, desastres e calamidades naturais (cheias e secas), o acesso aos recursos hídricos e a sistemas de irrigação, factores institucionais (dificuldade de acesso aos mercados de insumos e acesso ao financiamento agrário), deficiente provisão de serviços agrários (investigação, extensão e crédito), bem como por eventos de natureza político-militar (conflitos armados), (Mucavele, 2012; Uaiene, 2012). Pode-se ainda destacar

¹ Yara Nova, licenciada em Economia e mestre em Economia e Políticas Públicas e assistente de investigação no OMR. João Mosca, Doutor em Economia e Sociologia rural, pesquisador do OMR.

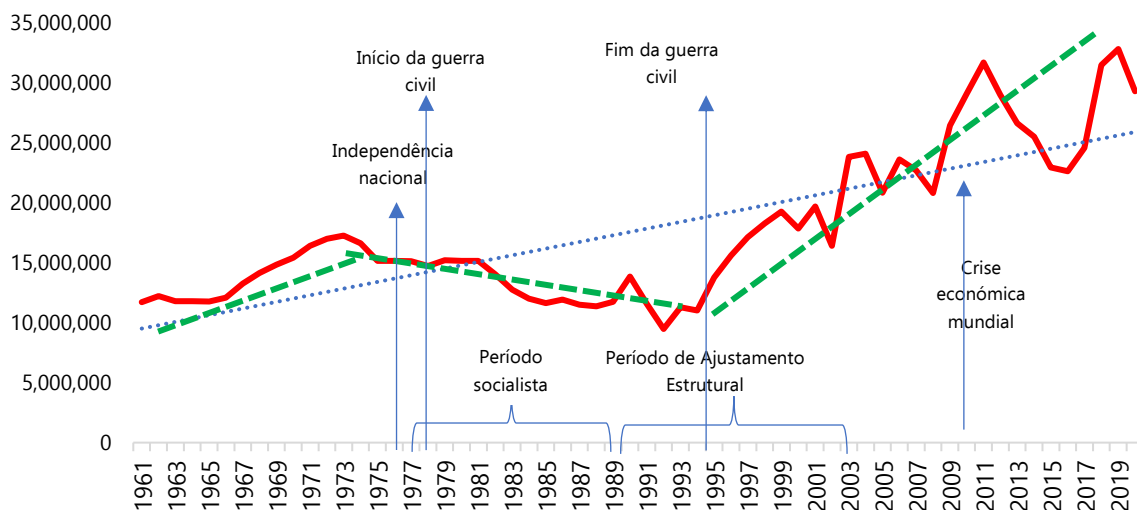
² Dados retirados do Inquérito Agrícola Integrado de 2020.

como importantes, a conservação dos solos, a garantia de venda de excedentes, os preços ao produtor e a perda de produção pós colheita, como incentivos para o aumento da produtividade. Ainda se deve considerar os fenómenos de migrações forçadas, o aumento demográfico e a densidade populacional e correspondente pressão (“carga”) sobre os recursos naturais.

Este sector sofreu variações frequentes ao longo do período analisado, principalmente, durante a guerra civil entre 1976 e 1992 (instabilidade e deslocamento da população, tendo atingido mais de um milhão de refugiados nos países vizinhos), resultando numa redução considerável da produção conforme se pode observar no gráfico 1. Após o fim da guerra civil, a população regressou as zonas rurais e conseqüentemente, a produção agrícola aumentou consideravelmente embora devido principalmente à expansão de áreas cultivadas e não a aumentos da produtividade por hectare, (Banco Mundial, 2006, 2011).

No final dos anos 90, verificaram-se variações significativas anuais e entre culturas, embora a produção agrícola, tendeu em aumentar. A crise económica de 2008, teve efeitos na produção nacional, observando-se uma queda na produção. Entre 2011 e 2019 registou-se o pico na produção (31,6 e 32,7 milhões de toneladas, respectivamente, considerando os produtos estudados neste texto).

Gráfico 1
Evolução da produção agrícola total das culturas estudadas neste texto (em toneladas)



Fonte: FAO.

Desde a época colonial, já existia uma aparente especialização da produção segundo o tipo de cultura e o tamanho das explorações. Assim, as grandes explorações eram destinadas à produção de bens para a exportação, cuja produção estava assente em tecnologia intensiva em trabalho e com alguma introdução de capital (máquinas e insumos), em culturas como a cana-de-açúcar, o algodão, a copra e o chá. Dominantemente as explorações de média dimensão produziam sobretudo, para o mercado citadino, produzindo, essencialmente, vegetais, frutas, produtos pecuários, batata, arroz. Os pequenos produtores (camponeses) produziam para mercados locais culturas básicas para a alimentação, como: amendoim, mandioca e milho (Mosca, 1989 e 2005).

Pelo quadro 1, constata-se que houve uma redução da área média cultivada entre os tipos de exploração agrícola. Esta realidade está relacionada com: (1) menor disponibilidade de terra em muitas zonas devido ao crescimento populacional e da densidade populacional em algumas zonas; (2) redução do número médio de membros dos agregados familiares; (3) surgimento de outras actividades geradoras de rendimento, sobretudo, actividades informais e conseqüente migração entre actividades; (4) dificuldade de expansão das áreas para produção por conta dos conflitos armados e de terras; (5) desincentivos para aumento da produção e conseqüentemente do aumento das áreas pelas condições de mercado (fraco comércio rural).

Quadro 1
Área média cultivada (há) por tipo de exploração agrícola

Tipo de exploração	Área media cultivada (há)	
	1970	2015
Pequenas	1,5	1,01
Médias	17,5	10,8
Grandes	431,6	74,1
Nacional	2,2	1,2

Fonte: Os dados de 1970, foram retirados da Missão do Inquérito Agrícola (MIA) e os referentes ao ano 2015, no Anuário de Estatísticas Agrárias.

3. ANÁLISE DE DADOS

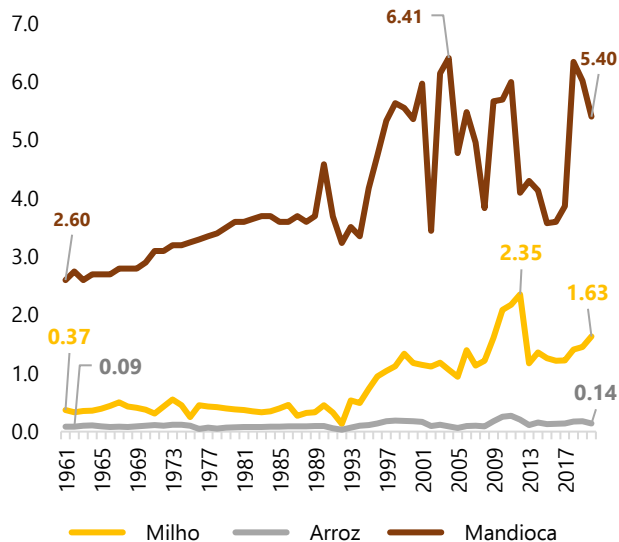
a) Produção

Nos gráficos abaixo, verifica-se que as culturas analisadas apresentam variações significativas ao longo da série. Constata-se que entre as culturas, a mandioca e o milho são as mais produzidas.

Analisando cada gráfico verifica-se que:

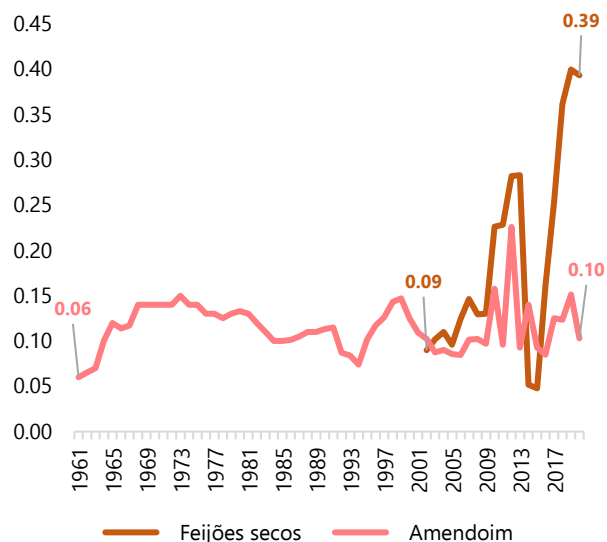
- No gráfico 1, a produção de mandioca, milho, e arroz registaram oscilações significativas nos níveis de produção, embora com uma tendência crescente, sobretudo após o Acordo Geral de Paz em 1992. À exceção do milho, nos dois últimos anos, a produção de mandioca e arroz diminuiu. A mandioca é o produto de maior produção neste grupo de produtos, registando, em 2004, a produção máxima de 6,4 milhões de toneladas, seguida do milho 2,35 milhões de toneladas em 2011 e arroz com 0,27 milhões de toneladas em 2011. A produção de 2020 em relação a 1961 cresceu duas vezes na mandioca, 4,4 no milho e 1,5 vezes de arroz.
- No gráfico 2, a produção de amendoim e de feijões secos, também apresenta variações significativas, com destaque para a redução expressiva na produção de feijões secos entre 2012 e 2015, seguido de um rápido crescimento (informação estatisticamente questionável, não existindo, aparentemente, razões justificativas). Em 2020, comparativamente com 1961, produziu-se mais 1,6 vezes de amendoim e 4,3 vezes de feijões secos.
- No gráfico 3, observa-se que a produção de batata-reno, cebola e tomate tiveram um grande aumento ao longo da série, sobretudo a partir de 2003 e 2005, registando aumentos em 284,5 vezes na produção de tomate, 201 vezes na cebola e 30 vezes na batata-reno.
- Das culturas de rendimento representadas no gráfico 4, constata-se que, à exceção do tabaco, as culturas apresentaram tendências similares: (1) entre 1961 e 1972 um crescimento significativo da produção, principalmente na cultura do caju e cana-de-açúcar; (2) um posterior decréscimo entre 1973 e 1983; (3) após 1983 até 2000, a produção permaneceu em níveis baixos; (4) de 2001 até a actualidade verifica-se um crescimento.

Gráfico 1
Evolução de produção de milho, arroz e mandioca
(milhares de toneladas)



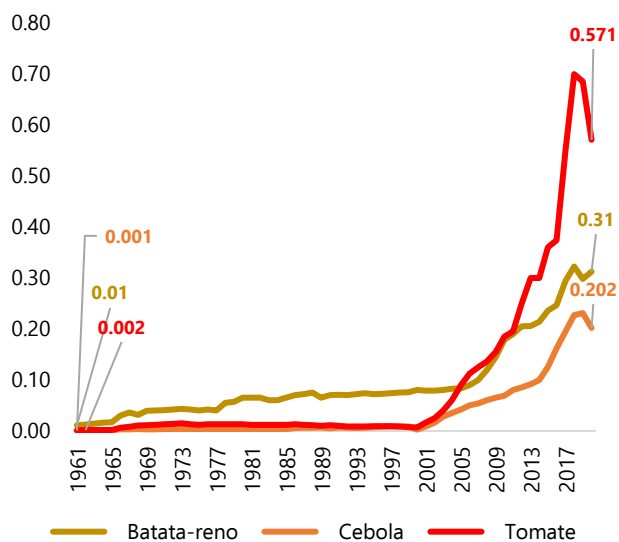
Fonte: FAO.

Gráfico 2
Evolução de produção de feijões secos e
amendoim (milhares de toneladas)



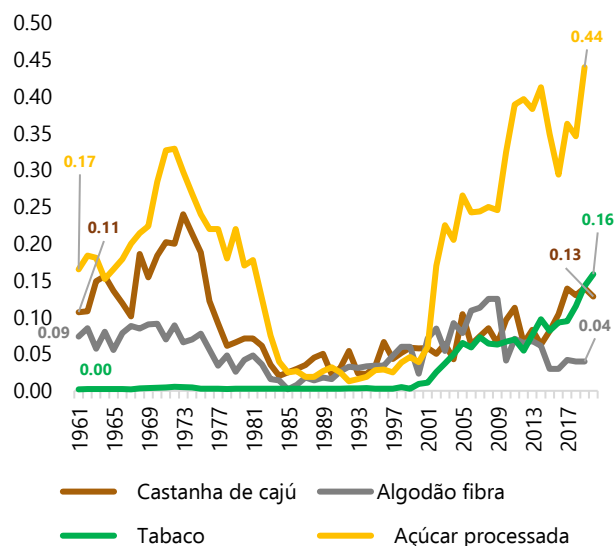
Fonte: FAO.

Gráfico 3
Evolução de produção de batata-reno, cebola e
tomate (milhares de toneladas)



Fonte: FAO.

Gráfico 4
Evolução de produção de castanha de caju,
algodão caroço, tabaco e açúcar processado
(milhares de toneladas)



Nota: Pela importância no mercado, optou-se por apresentar dados da produção do açúcar processado e não da cana-de-açúcar.

Fonte: FAO.

Como observação geral, pode-se compreender a evolução da produção com os seguintes elementos: os ciclos políticos e as respectivas comoções económicas (veja gráfico 1); (2) a entrada de investimentos externos (açúcar, tabaco, algodão e na indústria do caju); (3) o crescimento da demanda de bens de consumo nas cidades em consequência do aumento da população urbana e do aumento do rendimento e, possivelmente, de mudanças nas dietas alimentares; (4) factores de curto prazo, como clima e outros referidos na secção de 2. Contexto.

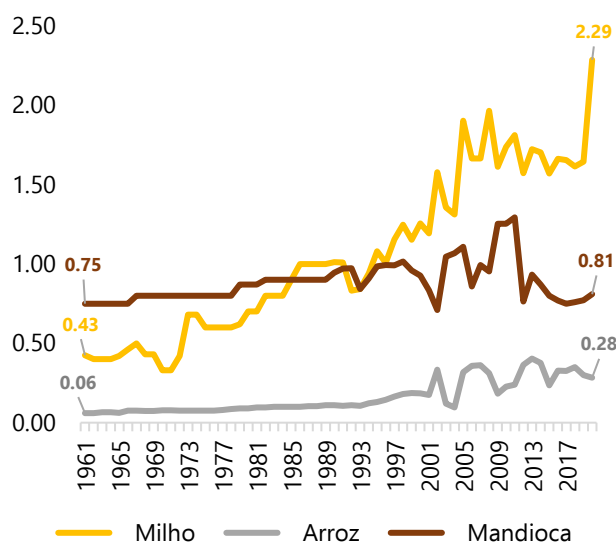
b) Hectares trabalhados

Em geral, relativamente à evolução dos hectares trabalhados, verifica-se que existe uma relação directa entre a área cultivada e os volumes de produção.

Dos gráficos constata-se o seguinte:

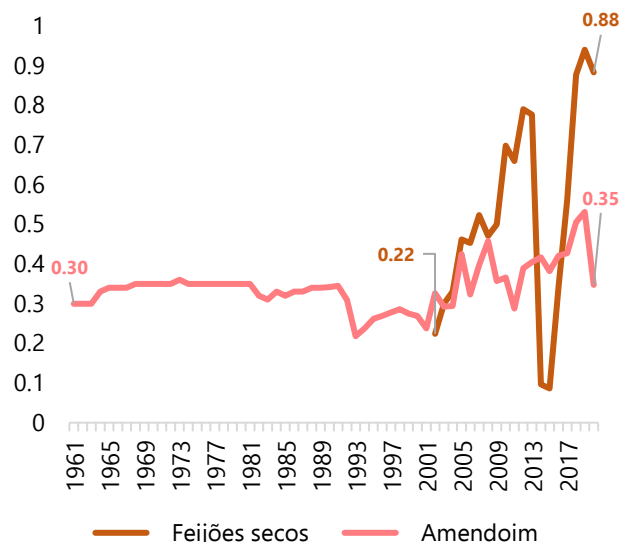
- Existiu, em todas as culturas, um aumento da área trabalhada a partir dos anos 2000, embora com oscilações importantes após este período, sendo que o milho e a mandioca são as culturas com maior incremento da área cultivada.
- À excepção da batata-reno (gráfico 7), tabaco e algodão (gráfico 8), registam aumentos significativos na área trabalhadas ao longo da série, mas com decréscimos nos últimos anos, devido às importações (batata-reno) e aos preços internacionais (algodão e tabaco).

Gráfico 5
Evolução dos hectares trabalhados de milho, arroz e mandioca (milhares de hectares)



Fonte: FAO.

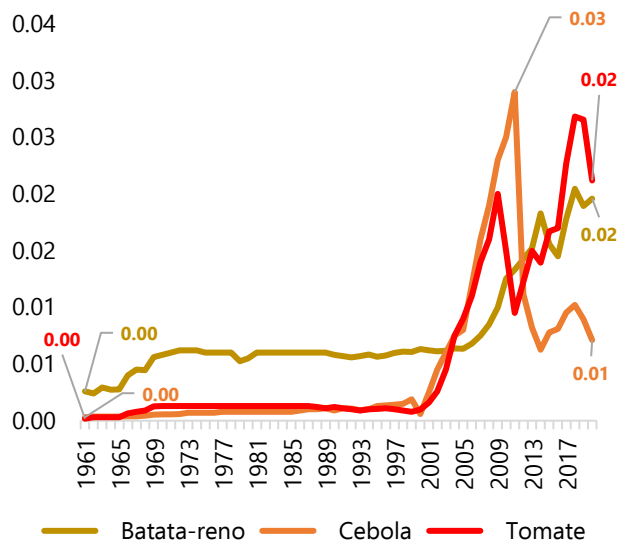
Gráfico 6
Evolução dos hectares trabalhados de feijões secos e amendoim (milhares de hectares)



Fonte: FAO.

Gráfico 7

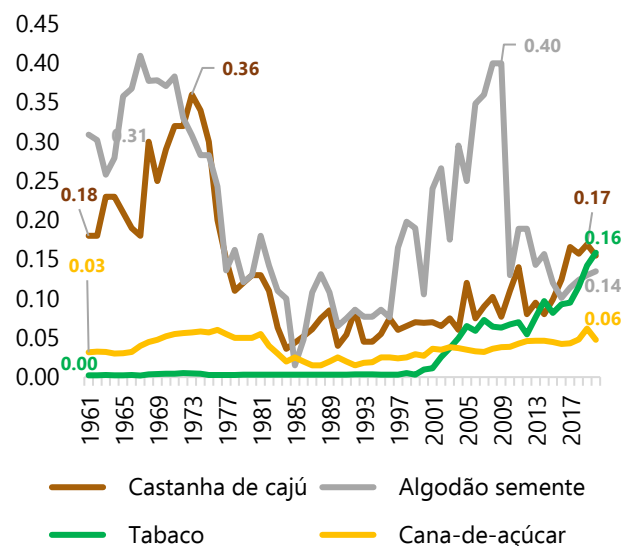
Evolução dos hectares trabalhados de batata-reno, cebola e tomate (milhares de hectares)



Fonte: FAO.

Gráfico 8

Evolução dos hectares trabalhados de castanha de caju, algodão caroço, tabaco e cana-de-açúcar (milhares de hectares)



Fonte: FAO.

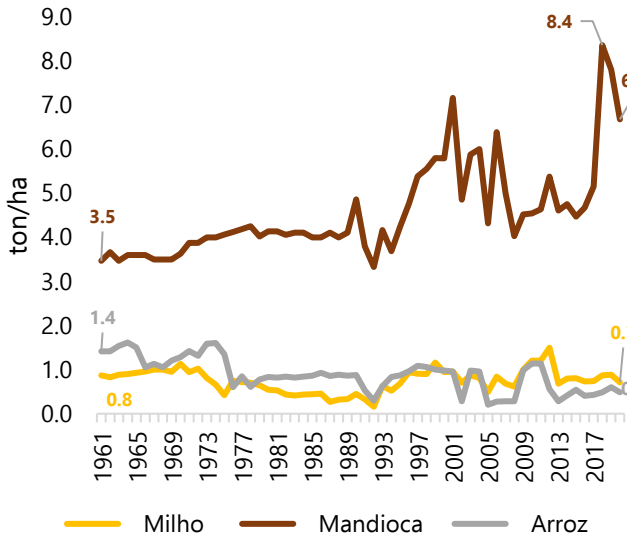
c) Produtividade

Em geral, constata-se tendências crescentes de produtividade por hectare, embora se verifiquem oscilações significativas ao longo da série.

Das culturas analisadas, destaca-se o seguinte:

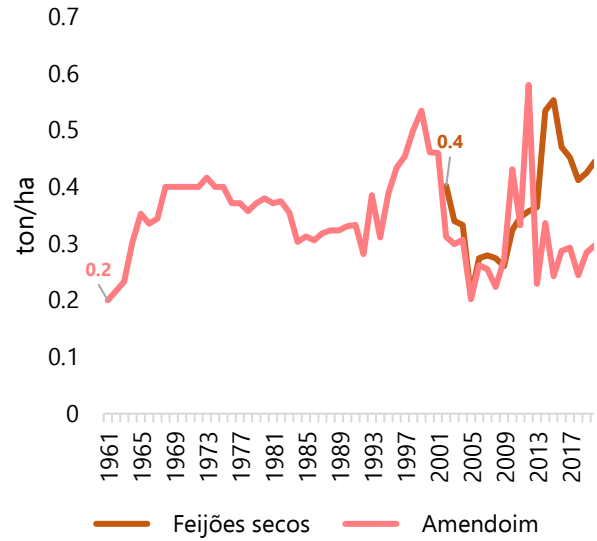
- Aumento da produtividade da cebola, do tomate, e batata-reno, tendo passado de cerca de 2,0 ton/ha para pouco mais de 15,0 ton/ha de 1961 para 2020.
- A produtividade da mandioca apresentou tendência crescente, tendo, em 2018, registado a maior produtividade (cerca de 8,4 ton/ha). A produtividade do milho, arroz, amendoim e feijões tendeu em manter-se similar (decréscimo importante no caso do arroz) e com grandes oscilações ao longo de décadas.
- Das culturas de rendimento, o tabaco apresentou uma tendência crescente de 1961 a 1980, tendo-se mantido entre 1 e 1,3 ton/há, após este período. A produtividade da cana-de-açúcar aumentou consideravelmente a partir de 2001, embora se verifique uma queda nos últimos anos.

Gráfico 9
Evolução de produtividade de milho, mandioca e arroz



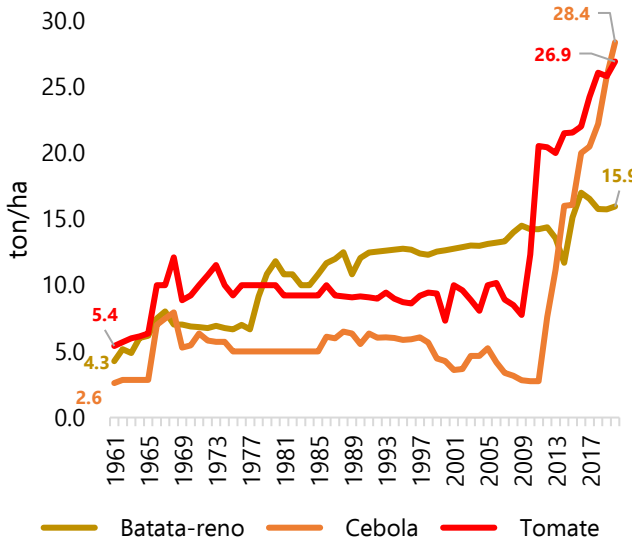
Fonte: FAO.

Gráfico 10
Evolução de produtividade de amendoim e feijões secos



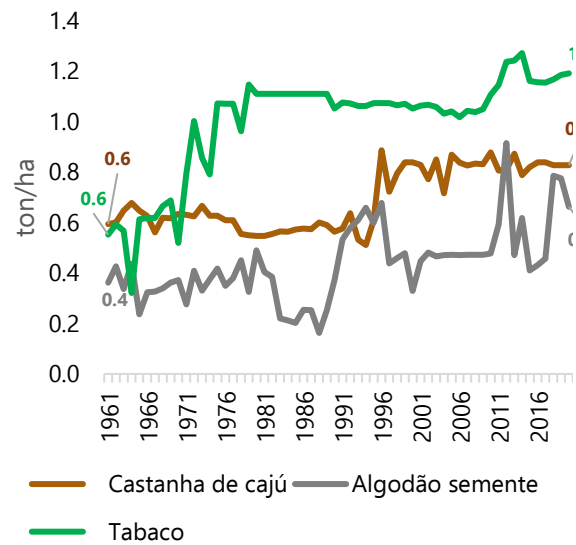
Fonte: FAO.

Gráfico 11
Evolução de produtividade de batata-reno, cebola e tomate



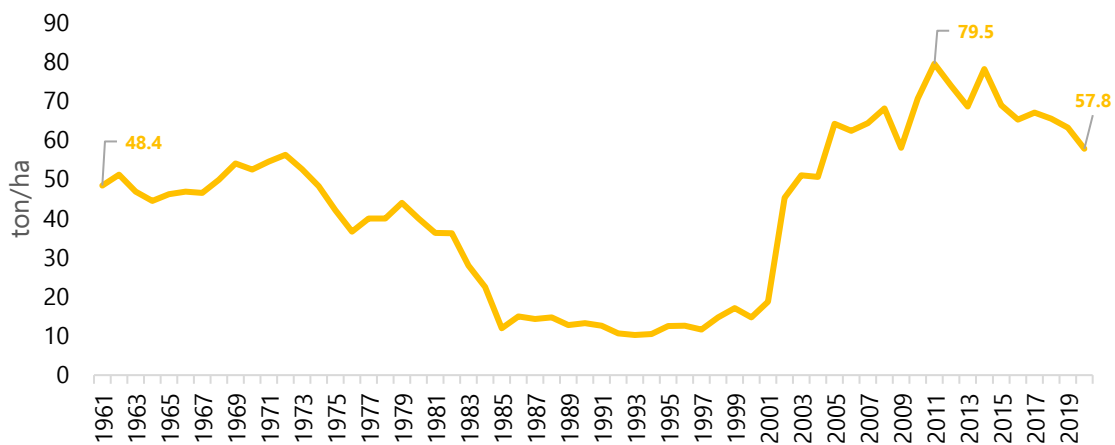
Fonte: FAO.

Gráfico 12
Evolução de produtividade de castanha de caju, algodão caroço e tabaco



Fonte: FAO.

Gráfico 13
Evolução de produtividade de cana-de-açúcar



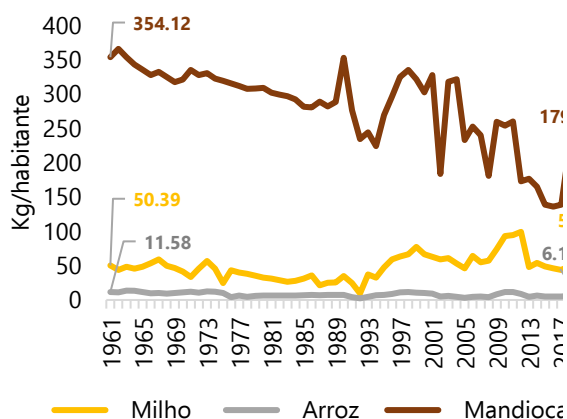
Fonte: FAO.

d) Produção per capita

Nos gráficos abaixo constata-se que:

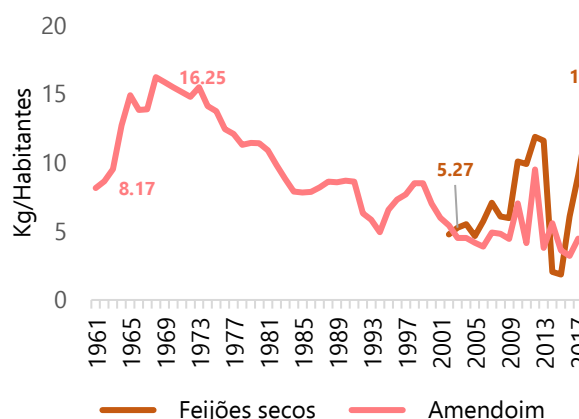
- À exceção da batata-reno, tomate e cebola registaram-se crescimentos significativos na produção por habitante; A produção de milho teve um crescimento ligeiro. Destaca-se a produção da mandioca, algodão, arroz e do amendoim, onde se verificou uma queda significativa na produção por habitante, cujas variações percentuais são negativas e superiores a 40%. Isto é, a produção dos bens básicos da maioria da população decaiu.

Gráfico 14
Evolução de produção *per capita* de milho, arroz e mandioca



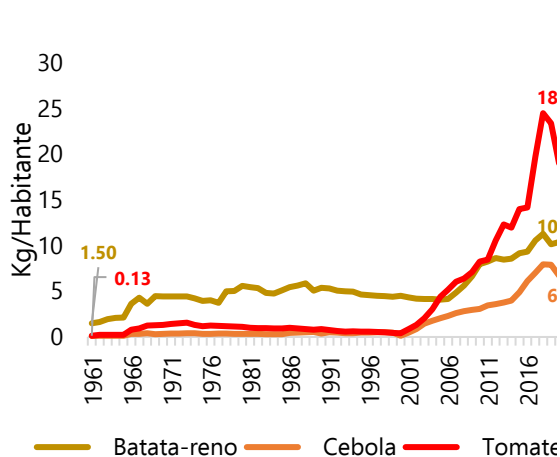
Fonte: FAO para os dados da produção e World Bank para a população.

Gráfico 15
Evolução de produção *per capita* de feijões secos e amendoim



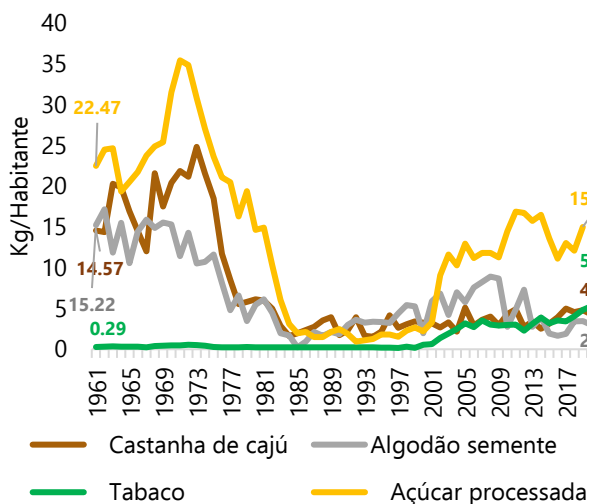
Fonte: FAO para os dados da produção e World Bank para a população.

Gráfico 16
Evolução de produção *per capita* de batata-reno, cebola e tomate (em quilogramas/habitante)



Fonte: FAO para os dados da produção e World Bank para a população.

Gráfico 17
Evolução de produção *per capita* de castanha de caju, algodão caroço, tabaco e açúcar (em quilogramas/habitante)



Nota: Pela importância no mercado, optou-se por apresentar dados da produção do açúcar processado e não cana-de-açúcar.

Fonte: FAO para os dados da produção e World Bank para a população.

4. RESUMO

Em geral, com base nos dados apresentados, constata-se que:

- À exceção da arroz, amendoim e algodão, as culturas analisadas registaram uma tendência crescente nos níveis de produção. A mandioca e o milho, continuam sendo as culturas mais produzidas; A produção dos bens básicos da maioria da população decaiu.
- Observa-se uma relação directa entre a evolução da produção e da área cultivada. No geral, verificam-se aumentos nas áreas cultivadas;
- Apesar de se verificarem aumentos significativos na produção e na área cultivada, os níveis de produtividade não tiveram aumentos de ressaltar. Exceptuam-se com variações temporárias, a mandioca, bata-reno, cebola, tomate, açúcar, tabaco, caju e algodão;
- A produção por habitante, de feijão seco, batata-reno, cebola, tomate, açúcar e tabaco, aumentou, tendo-se reduzido na mandioca, arroz, amendoim, caju e algodão. A produção per capita de milho era, em 2020, de cerca de 7% mais elevado comparativamente com 1961. Deve-se tomar em consideração que no período analisado, as taxas de crescimento da população e da produção dos bens estudados foram diferentes, sendo que a população cresceu com taxas médias anuais de 3%, enquanto a produção total dos bens apresentados neste trabalho, registou um crescimento médio de 2,4%.

Nestas três décadas estudadas, apesar de se verificarem aumentos significativos na produção e na área cultivada das culturas analisadas, a produtividade tem comportamentos distintos, podendo-se considerar, que, regra geral, as culturas produzidas em explorações com investimento externo (açúcar, algodão, tabaco) e interno (bata-reno, tomate e cebola), registaram aumentos significativos.

Os aumentos de produção derivam, principalmente do aumento das áreas devido ao crescimento da população e não ao aumento das áreas médias por exploração. Regra geral, as culturas alimentares são aquelas onde a produtividade, a produção e a quantidade por habitante menos cresceram ou se reduziram. O capital externo e interno coincide com os aumentos de produção e da produtividade na maioria das culturas de exportação e de consumo principalmente urbano.

Os comportamentos dos indicadores apresentados neste texto, têm uma grande correspondência com os ciclos políticos.

BIBLIOGRAFIA

FAO (2009). *High Level Expert Forum - How to Feed the World in 2050*. Agricultural Development Economics Division Economic and Social Development Department Viale delle Terme di Caracalla, Rome, Italy

MOSCA, João (1989). *Estrutura agrária de Moçambique no período pré-independência*.

MOSCA, João (2005). *Economia de Moçambique século XX*. Instituto Piaget, Lisboa.

MUCAVELE, Firmino (2012). *O papel da agricultura no desenvolvimento de Moçambique: agenda para Moçambique*. Em: Mosca, J. (coordenação) (2012). Contributos para o debate da agricultura e desenvolvimento rural. Escolar editora, Maputo – Moçambique.

UAIENE, Rafael (2012). Estrutura, conduta e desempenho da agricultura familiar em Moçambique. Em: Mosca, J. (coordenação) (2012). Contributos para o debate da agricultura e desenvolvimento rural. Escolar editora, Maputo – Moçambique